

Uma cidade narrada: memórias, histórias e representações da cidade de Garanhuns (PE) na década de 1950

José Eudes Alves Belo¹

Resumo

As cidades são narradas, e criam, com narrativas elos de sensibilidades entre o presente e o passado. Este trabalho objetiva analisar representações da cidade de Garanhuns–PE, na década de 1950, que emergem de narrativas orais, em cruzamento com outras fontes. Apresenta-se uma narrativa múltipla, labiríntica em que tempo e espaço, fragmentam-se possibilitando vários olhares sob a cidade. Neste sentido, a noção de Certeau, de espaço como “lugar praticado” conduz reflexões acerca das histórias que emergem das múltiplas faces da cidade. Busca-se apresentar estratégias de (re)significação na vida na cidade como também despertar novas indagações acerca da experiência e seduções do viver na urbe.

Palavras-chave: cidade, memória, narrativas

Abstract

Cities are narrated and they create with narrative links of sensibilities between present and past. This work objetifies analalysis representations of the city of Garanhuns –PE, in the decade of 1950, which emerges from oral narrative, in intersection with other founts. Introduce itself a multiple narrative, labyrinthic in which time and space fragment themselves enabling several looking over the city. In this signification, the notion of Ceateau, the space as “practiced place” leads reflections about about histories which emerge from multiple faces of the city. It seeks to show strategies of (re)signification in the life, in the city as well as to stimulate new indagations about the experience and seductions of living in the urbe.

Key-words: city, memory, narratives

“É isso que nos faz envelhecer, e nada mais. As rugas e dobras do rosto são as inscrições deixadas pelas grandes paixões, pelos vícios, pelas instituições que nos falaram, sem que nada percebêssemos...” Walter Benjamim

I - Palavras iniciais

Cidade de Garanhuns anos 50, século XX. A cidade vive inserções culturais singulares que marcam sua existência, concentra aspectos que variam na formação desta como centro de sua Região. O presente trabalho busca a partir de memórias e das variadas fontes, compreender as representações acerca da cidade de Garanhuns na década de 1950.

¹ Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, mestrando do Programa de Pós-graduação em história na linha de pesquisa cultura e memória sob a orientação da Professora Doutora Regina Beatriz Guimarães Neto.

Este texto expõe um pouco da pesquisa que estou iniciando no Programa de Pós-graduação em História acerca dos discursos que representam a cidade de Garanhuns nos anos de 1950. Noutras palavras, nesta escrita, proponho um passeio à cidade de Garanhuns na década considerada “dourada”. Esta cidade está localizada a 230 quilômetros da Capital pernambucana Recife. Situada na Região Agreste, possui uma altitude média de 850 metros e uma temperatura média anual de 21 graus. O passeio pode começar no Relógio das flores, no prédio da antiga Rádio Difusora, na Catedral de Santo Antônio, na Praça Dom Moura, no Parque Ruber Van Der Linden, penso que o pondo de partida não influenciará no rastro das lembranças que em poucas palavras pretendo expor.

Os vestígios do passado fazem emergir histórias, ou mesmo em suas ruas, praças, ladeiras, ou nas antigas casas que a modernidade ainda insiste em conservar, ou mesmo em alguns lugares muitas vezes inabitados, desconhecidos. São dias e noites, muitas vezes frias cinzentas com uma típica garoa, que insiste em guardar, preservar os encantos de uma cidade singular em sua região por seus atrativos turísticos, seus colégios, seu comércio, sua religiosidade, e seu agradável clima.

Nossa viagem adentra os anos 1950. Mas não por acaso, é nesta época cheia de anseios, de sonhos, encantos, seduições, que Garanhuns está em plena vivência, e algumas histórias apenas poderiam ser contadas a partir do recorte desta época. Nesta época a cidade, que já era representada como “cidade das flores”, passa também a ser pensada como “Suíça pernambucana”, segundo João Marques, esta idéia vem de discursos e escritos de D. Jerônimo, monge beneditino e intelectual famoso da época

No Brasil e no mundo a idéia de “anos dourados”, aqueles anos inesquecíveis, cantados, escritos como memoráveis. Estes são mesmo tão “dourados” assim? As inquietudes e reformulações que em qualquer tempo história não fazem parte destes anos?

Penso que as respostas para estas e outras perguntas podem ser obtidas através das trilhas traçadas pela experiência em viver nas cidades. Estas perguntas provocam à sensação de mistérios que guardam as ruas, as casas, a formação dos bairros. Compreender estas cidades no entender de Pesavento² é sem dúvida tentar investigar a maneira como foi um dia pensada, sonhada, desejada, planejada.

As veredas da história confundem-se, por vezes com os caminhos das memórias de velhos habitantes da cidade, as quais com o entrelaçamento de outras fontes aludem este outro

² PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: **Revista Brasileira de História**. vol. 27, n. 53, junho de 2007. São Paulo: ANPUH/Marco Zero 2007.

tempo e sua compreensão e nesta perspectiva pensar Garanhuns nos anos 50 e como esta cidade é representada enquanto cidade comercial, estudantil, religiosa, turística, comercial e cultural, constitui o objetivo deste estudo. Noutras palavras, busco compreender teias de relações cotidianas elaboradas na cidade a partir de quem dela participou.

II – Caminhos...

Espaço é um lugar praticado, esta noção de Certeau (1994) remete a pensar o espaço das cidades como lugar de múltiplas práticas sócio-culturais que dão sentido, fazem ver e sentir a cidade. Este estudo é fruto de minhas inquietações, assim como provocações e sedução, acerca da cidade de Garanhuns.

Na minha vivência na cidade, no desenvolver das experiências cotidianas, sempre escuto relatos, sobretudo de pessoas idosas, acerca de outro tempo, ou seja, de como era a cidade, as coisas que tinha que com o tempo desapareceram. Estas conversas sempre revelavam um aspecto negativo, a cidade era sempre representada da “cidade do tinha” e agora não tem mais. O trem, os cinemas, as festas o comércio desenvolvido, são alguns exemplos do que escutava nestes relatos. A partir destas conversas surgiram inquietações. Como realmente era constituída esta cidade? Como eram elaboradas suas relações com as cidades vizinhas? Por que alguns vestígios desapareceram? Este trabalho é fruto destas inquietações, ou melhor, a tentativa de responder de que modo era pensada, sonhada, representada em seus múltiplos aspectos a Cidade de Garanhuns em seus tempos “dourados”.

Ouvir os antigos moradores seria o fio de Ariadne que conduz a narrativa destas histórias que representam a cidade de Garanhuns, nesta época. Desenrolar este fio, tentar desvelar os silêncios, os ocultos, resignificar palavras, ações, imagens. Eis o desafio que envolve este rico e arriscado passeio pelas veredas das recordações.

Neste sentido, desenrolar este fio conduz a reflexões teóricas e o pensar as fontes. Estas aqui pensadas como referencial para a construção da narrativa e ainda, na presente análise, como constituintes da própria cidade de Garanhuns. Penso este trabalho a partir da idéia de memória como experiência humana, e seguindo as propostas de Montenegro, Nora e Benjamim. A memória é apresentada em fragmentos, cacos, vestígios. E as histórias narradas vêm por consequência também em fragmentos.

Assim dialogo com a literatura, especialmente com Calvino e suas cidades invisíveis

“(...) a cidade não conta seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.”³

Calvino propõe um viagem pelas cidades com suas memórias, desejos, sedução, abismos, decepções. A cidade torna-se mais visível, a partir de suas invisibilidades, e inteligível a partir de suas tramas e enredos que ecoam das diversas fontes cruzadas formando uma narrativa mosaica e múltipla bem próximo ao formato de algumas cidades descritas no livro. Mas que ganham sentido em seu movimento mudança, caso contrário ficaria como Zora, que “obrigada a permanecer imóvel para facilitar a memorização, Zora definiu, desfez-se e sumiu. Foi esquecida pelo mundo.”⁴

Numa perspectiva semelhante apresenta Rezende (1997),

“A cidade é feita de sonho e de desejos. Sonhos e desejos que, um dia, se tornarão recordações, se incorporarão aos inúmeros labirintos da memória, revelarão as faces escuras do passado ou deixarão que elas permaneçam desconhecidas para sempre. Mas sonhos e desejos que se reinventam e se transformam. Assim é a cidade, a grande moradia dos homens.”⁵

III – Fragmentos: Memórias e práticas culturais

Para trilhar os fragmentos de histórias aqui retratadas entrevistei o senhor Ulisses Pinto. Jornalista, 85 anos, nascido na Cidade Garanhuns, onde sempre viveu. Trabalhou em vários periódicos de Garanhuns, inclusive no que realizei pesquisas, O Monitor, do qual foi também diretor. Chegou a ser correspondente dos principais jornais da capital Recife. Suas memórias são uma forma de viajar sob uma intrincada teia de fatos situações e experiências que ele viveu ao longo dos anos. Com uma visita inicial em sua casa, realizada a fim de estabelecer contatos, logo percebi que se tratava de um bom narrador, neste encontro estabelece uma relação de amizade entre nós, assim facilitando a conversa o narrar das histórias.

As histórias começam a emergir. E de forma descontínua, o assassinato do Bispo do Dom Expedito Lopes,

“...Estive no velório e tenho a bala. Conversei com padre Osana, e perguntei se ele mataria o Bispo, e ele falou neste tempo tinha trem em Garanhuns, e eu fui chamado cheguei no palácio e comecei a olhar nos cantos na parede. E um padre

³ CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das letras, 1990. p. 15

⁴ CALVINO, op. cit. p. 20.

⁵ REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)encantos modernos: histórias da Cidade do Recife na década de vinte**. Recife: Governo do Estado, Secretaria de Cultura/Fundarpe, 1997. p.21)

ainda falou que não podia ficar com a bala que há comentários no jornal que você sabia que o... meu irmão tinha uma caminhonete, morava encostado na Prefeitura onde hoje é uma casa comercial Aluizio acorde, pelo amor de Deus, pensei que era coisa de São João. 02 de julho de 1957. No outro dia ele morreu Ele meu irmão e Monsenhor Callou foi que levaram o Bispo (...) ele era encenqueiro era um padre ruim, encenqueiro e o Bispo caxias. (...) cheguei a me confessar com ele e comungar.”

Sua vida profissional também relaciona-se com a constituição de vida na cidade na época:

“... trabalhei no Monitor muito tempo. Era da Diocese trabalhei escrevendo depois de 07 de julho de 1942 foi o primeiro artigo meu. (...) eu gostava do padre Tarcísio, mas ele deu bolo em mim no Diocesano, quando o Monsenhor Adelmar...”

Práticas de castigos lembrada acima, evoca métodos de uma época de domínio religioso e moral das instituições de ensino.

Os encantos de Garanhuns, as paixões da juventude, as festas, as experiências no jornal emergem e narram a história e representações de Garanhuns nos anos 50.

“Quando o trem chegava antes de chegar eu pulava antes pra pegar os jornais. Tinha uns dezoito anos dezenove. ... assisti a saída do trem de Garanhuns...” o povo tudo chorando o Raimundo Moraes fez um discurso.

Nos anos 50 Garanhuns acontecem fatos que emergem no cotidiano / ordinário e fazem parte do extraordinário latente nas memórias, aqui especificamente na de Seu Ulisses, constituindo assim verdadeiras marcas de memória acerca da Cidade.

Mais um fato cultural de relevância Seu Ulisses participa a inauguração da Rádio Difusora de Garanhuns⁶, em XX de 1951: “Veio Augusto Calheiros, veio um monte de artistas. Fui na festa de inauguração. Fui um dos primeiros a chegar. Muita cantoria, muita festa, comes e bebes.” Tais histórias constituem verdadeiros labirintos onde tempo e espaço fragmentam-se. Desta forma o narrador insere-se a partir de sua história de vida no íntimo das representações da cidade de Garanhuns.

Tive contatos produtivos com Dona Shirley Tenório, que recordou rapidamente “os anos dourados” em Garanhuns, com seus bailes, cinemas, missas, chegada diária do trem, namoros longos e respeitosos. Enfim hábitos ordinários e extraordinários que marcaram a vida e vivência de pessoas que viveram outra época.

“As festas eram ao som de orquestras, com muita comida, as festas eram muito animadas dançávamos a noite toda, tinha bebida e comida a vontade, as músicas eram estrangeiras.(...) ainda lembro do rodar das saias das moças, era um tempo

⁶ A Rádio Difusora de Garanhuns foi a primeira emissora do interior de Pernambuco ainda hoje está em atividade, denominada de Rádio Jornal sua inauguração foi em 1951.

maravilhoso, dourado”! “Eram tempos dourados, cheio de festas, bailes, lembro dos vestidos bonitos, das saias longas, dos perfumes dos salões, tocavam boleros, músicas sérias, embaladas por orquestras, dançavam a noite toda, mas com muito respeito, era um tempo diferente, iluminado, lembro das cores era um tempo mais colorido. (...) Nos Colégios tínhamos muito respeito, estudada no Santa Sofia, o das moças, mas nos bailes e no cinema era que nos encontrávamos com os rapazes mas com distância e respeito.”

Destaco também o contato, muito produtivo, com o Senhor João Marques, intelectual presidente da Academia de Letras de Garanhuns. Suas memórias, neste primeiro contato, mais dicas de possíveis caminhos em muito me ajudou a formular este texto. Além de algumas histórias contadas a cerca do cotidiano e fatos extraordinários na cidade. Como os bailes, já mencionados, as festas de rua, os programas de auditório na Rádio Difusora, o cotidiano dos colégios, entre outras.

O poeta popular Emílio Leão Cavalcante, conhecido como Preto Limão também apresenta em versos a cidade:

*“Garanhuns terra ditosa
berço da felicidade
tua habilidade
teu jardim contém mais rosa
lugar de moças formosas
os homens são varonil
trazendo as belezas mil
que Garanhuns é a chave
das cidades do Brasil”
(Preto Limão- Emílio Leão Cavalcante)*

Destas concepções de discursos acerca da cidade, busco refletir acerca dos fios, da tessitura dessas versões da cidade, as quais deixam marcas das diversas experiências do viver na urbe.

IV – Periódico cotidiano e relações culturais

O passeio continua, e para ficar mais decifrador procuro analisar o cotidiano da Cidade usando como referência o periódico mais lido da época: O Jornal Monitor, este à época, pertencia a Diocese de Garanhuns, desta forma percebe-se a influência desta instituição sob todos os aspectos do periódico. A começar pelo nome que alude a certo “monitoramento” da população. O jornal existiu desde 1942. A partir de 1968 passou a pertencer a Prefeitura Municipal de Garanhuns. Pesquisei números dos anos 1958 e 1959. O

formato, a estrutura a escrita nos remete aquela década, bem como o cotidiano traduzido em suas páginas remetem ao viver das pessoas daquela época.⁷

Reclamações, causos, anúncios de missas, propagandas da época ligam-se a aspectos da cidade e seus aspectos comerciais, religiosos, turístico, e cultural.

Como as páginas desde a reclamação do barulho de bordéis da Praça Jardim, usando um discurso moralizador.⁸

Os anúncios de retiros espirituais de carnaval⁹, em que práticas culturais são expressas. Destaco a separação dos retiros entre gêneros: o de moças e jovens senhoras no Colégio Santa Sofia, na época com internato e externato para mulheres, conhecido como Colégio das moças; e dos rapazes no Colégio Diocesano, também funcionava como internato e externato, conhecido como Colégio dos meninos.

Os anúncios de missas e eventos religiosos, com destaque as celebrações em memória a Dom Expedito Lopes, e anúncio e chegada de Dom Adelino Dantas.¹⁰

Estavam presente nas páginas do periódico, assuntos gerais ligados a notícias internacionais, como discursos e procedimentos do Papa, ou mesmo a expectativa da chegada do homem a lua.¹¹

V – Mais algumas palavras

Observa-se que nas memórias e no discurso do Jornal evoca-se sempre uma cidade “mágica” uma sociedade “sem disputas”, uma “política limpa”. Isto traduz a euforia de uma época nostálgica em que a propaganda e discursos da época evocavam para um tempo contínuo de melhoras progressivas, uma época de ouro era anunciada. Por traz destes discursos havia mudanças sociais, mudanças cotidianas que pouco a pouco vão irrompendo na sociedade.

Na cidade de Garanhuns práticas culturais vão modificando-se. A crise do café, o assassinato do Bispo, as mudanças políticas do Brasil no fim dos anos 50, irão afetar diretamente o cotidiano das pessoas de modo que ao averiguar com o olhar de hoje, encontra-se rastros de mudanças e descontinuidades na aparente unidade na década de 1950.

⁷ Essas considerações da forma, conteúdo, bem como a quem pertence o periódico segue as indicações LUCA, (2005)

⁸ O Monitor em 28 de junho de 1958.

⁹ op. cit. 28 de fevereiro de 1958.

¹⁰ op. cit. em 7 de junho 1958.

¹¹ op. cit. ambos os assuntos presentes na edição de 22 de fevereiro de 1958.

Um trabalho com representações da cidade de Garanhuns, enquanto “Suíça Pernambucana”, assim como em múltiplos aspectos: turístico, religioso, comercial, educacional, exige o aprofundamento que pretendo realizar com múltiplas fontes, e principalmente com as histórias de vida de quem viveu, ou vive, este tempo, traçando a partir disso uma trama narrativa na busca de compreensão destes “anos dourados” em suas múltiplas faces, representados na cidade de Garanhuns com ênfase em suas práticas culturais.

Sei que encontro-me em meio a um labirinto, desafiador, complexo, e ao mesmo tempo sedutor e encantador. Sinto-me na incumbência de através de meu ofício de contar estas histórias historicizando-as. A sensação que me remete as entrevistas, ou melhor aos diálogo, é sempre de satisfação em estar recordando algo vivido. Assim como algo em constante movimento, entrelaçamento. A cidade desta forma ganha vida. Trazem significados dos silêncios, nas lutas pelas recordações. Neste campo de luta as palavras são meio de partilha de sensações, de ilusões de completude, de unidade. Uma vez que o olhar, o silêncio, a empolgação, é na escrita imensurável.

Ao narrar, estas pessoas, saem por um instante de suas lutas cotidianas e inserem-se na vida atual da cidade (re)constituindo suas identidades e múltiplas formas de vê-la, senti-la, e pensá-la e de certo modo recriam uma experiência de viver na cidade. As memórias aludem a uma fragmentação de tempo e espaço. Desta forma a cidade se materializa nas palavras dos depoentes. E ganham significados concretos em meio à subjetividade essencial dos depoimentos.

Para dar uma pausa neste passeio convido-vos a adentrar num dos roteiros da Cidade de Garanhuns, aqui musical. Dentre algumas canções destaco versos de “Onde o nordeste Garoa” gravada em 1978 por Luíz Gonzaga, a qual em si traz algumas representações e pontos de vista diferenciados:

*“Garanhuns cidade serrana
Garanhuns cidade jardim
Garanhuns cidade das flores
Amores sem fim...
(...)Garanhuns onde o nordeste Garoa”*

No ponto de encontro entre passado no presente, nas ruas frias, jardins floridos, e de casas onde restam vestígios de um passado que insiste apresentar-se, são essas discordâncias que impelem o incentivo, a motivação de uma pesquisa, o ofício prazeroso de encontrar sinais antes não vistos, vestígios que não fazem sentido antes da ação do historiador, como nos aponta Guimarães Neto:

“Vários caminhos se abrem à leitura deste universo cultural das cidades. Mas não podemos esquecer, ou deixar de privilegiar, as histórias anônimas. E o que menos importa é saber de onde se originam ou quem são seus atores. São relatos

*enriquecidos pelas inúmeras vozes, reatualizadas nas rodas de conversa mais íntimas e também nos diversos comentários que se fazem nos bares e praças da cidade, entre conhecidos e desconhecidos. Machado de Assis diria: “Entre coisas e palavras – e principalmente palavras – circulamos”. Palavras que compõem histórias, notícias, comentários e que imprimem identidade coletiva aos grupos sociais participantes.*¹²

Neste sentido, com as palavras as cidades se inventam ou são inventadas pelos homens em suas práticas cotidianas entre o dito, o escrito, o silêncio, o visível e o oculto. Penso que nesta relação entre o dizer e o escrever, o ouvir e o contar, é necessário instituir uma ação/atitude, na imagem de Certeau, uma operação, por parte do historiador em que as cidades ganham significados, são dadas a ler, relações estas que o historiador Antonio Montenegro, inspirado nas análises folcaultianas, denomina de “Rachar as palavras”. Esse “rachar” faz emergir a escrita das cidades com suas práticas próprias, suas singularidades, suas históricas contadas e cantadas nos múltiplos espaços, nas esquinas da vida.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; vol. 1)
- BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- _____. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Cidades da mineração**: memórias e práticas culturais. Mato Grosso na primeira metade do século XX. Cuiabá: EDUFMT, 2006.
- _____. A cidade simbólica: inscrições no tempo e no espaço. In: **Revista Estudos Ibero-Americanos**. vol. 32. n. 1. junho de 2006. Porto Alegre: PUC/RS, 2006.
- _____. Personagens e memórias: territórios de ocupação recente na Amazônia. In: CHALHOUB, S. **História em cousas miúdas**: capítulos de história social da crônica no Brasil. Editora da Unicamp, 2005.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

¹² GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Personagens e memórias: territórios de ocupação recente na Amazônia. In: CHALHOUB, S. *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Editora da Unicamp, 2005. p. 532

_____. Rachar as palavras. Ou uma história a contrapelo. **Revista Estudos Ibero-Americanos**. vol. 23.nº1. Porto alegre: PUC/RS, 2006. p. 37-62. Além de outros textos publicados em periódicos e livros.

NORA, Pierre. Entre Memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC/SP, vol. 10. p. 7-28, dezembro de 1993.

_____. Padres e artesões: narradores itinerantes. In: **História Oral: Revista Brasileira de História Oral**. vol. 3, n. 3. Jun. 2000. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: **Revista Brasileira de História**. vol. 27, n. 53, junho de 2007. São Paulo: ANPUH/Marco Zero 2007.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, vol. 2, n.3, 1989.

REZENDE, Antônio Paulo. **(Des) encantos modernos**: histórias da Cidade do Recife na década de vinte. Recife: Governo do Estado, Secretaria de Cultura/Fundarpe, 1997.